

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
PEDRO HIAGO ALBUQUERQUE FERREIRA**

**ALBERT CAMUS:
DO ABSURDO A AFIRMAÇÃO DA VIDA**

Juiz de Fora
2023

PEDRO HIAGO ALBUQUERQUE FERREIRA

**DO ABSURDO A AFIRMAÇÃO DA VIDA
EM ALBERT CAMUS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto ao Curso de Filosofia
do Centro Universitário Academia, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Robione Antonio
Landim

Juiz de Fora
2023

FERREIRA, Pedro Hiago
Albuquerque. **Do Absurdo a
afirmação da vida em Albert
Camus**. Trabalho de Conclusão de
Curso, apresentado como requisito
parcial à conclusão do curso de
Bacharel em Filosofia, do Centro
Universitário Academia -
UNIACADEMIA, realizado no 2º
semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robione Antonio Landim (UniAcademia)
Orientador

Prof. Ms. Pe. Anderson Monteiro de Rezende (Inst. Profis. Dom Orione)
Coorientador

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Prof. Esp. Gabriel Dias Ferreira de Souza (UniAcademia)

Examinado em: 29/11/2023

Dedico este trabalho aos meus amados pais, que são alicerce da minha vida e minha vocacional e maiores incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder o dom da vida e poder contemplar suas maravilhas.

Aos meus amados pais Naftali Ferreira e Patrícia Albuquerque que me educaram com amor, meus irmãos Lara e Neto que sempre estão à disposição em apoiar.

À Pequena Obra da Divina Providência, Orionitas, por contribuírem na formação humana e acadêmica.

Ao Prof. Dr. Robione Antonio Landim, pelas orientações e ajuda sobre o presente trabalho.

Aos professores da UNIACADEMIA, de modo particular do curso de Filosofia, pelos ensinamentos.

Aos meus irmãos de seminário, de modo particular Evaldo, Claudeonor, Lucas Brito e Rayan, pelos incentivos e orações.

Antes, a questão era descobrir se a vida precisava de ter alguém significado para ser vivida. Agora, ao contrário, ficou evidente que ela será vivida melhor se não tiver significado. Albert Camus

RESUMO

FERREIRA, Pedro Hiago Albuquerque. Do Absurdo a afirmação da vida em Albert Camus. (número 42 f). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2023.

Albert Camus, filósofo franco-argelino, demonstra em sua vasta produção, desde seus escritos na juventude até suas obras maduras, que a temática do absurdo sempre esteve presente em sua filosofia, em contraposição às preocupações éticas-filosóficas de sua época. O objetivo deste estudo é compreender como o absurdo, enquanto uma condição da existência humana, permite a afirmação da vida. Partindo inicialmente da compreensão do absurdo no contexto da vivência do homem contemporâneo, com suas adversidades e incertezas, mergulhamos no sentimento de angústia e nos defrontamos com uma questão: vale a pena viver? Na tentativa de escapar dessa situação, buscamos maneiras de suprimir o absurdo, o que Camus denomina como suicídio. Diante dessas angústias e desejos de negar a vida, surge a problemática: como afirmar a vida diante dessa condição humana absurda? Camus aborda a questão do absurdismo de tal maneira que sua reflexão sobre essa condição existencial nos faz refletir positivamente sobre a vida. Para isso, o filósofo se inspira na luta constante de Sísifo, pois mesmo enfrentando todas as dificuldades que recaem sobre sua existência, ele se esforça diariamente para chegar ao topo da montanha e, dali testemunhar a rocha rolar novamente para baixo. Apesar do árduo desafio, Sísifo não desiste de se colocar novamente na jornada da vida.

Palavras-chave: Camus. Absurdo. Sísifo. Afirmação da vida.

ABSTRACT

Albert Camus, French-Algerian philosopher, demonstrates in his vast production, from his writings in his youth to his mature works, that the theme of the absurd was always present in his philosophy, in contrast to the ethical-philosophical concerns of his time. The objective of this study is to understand how absurdity, as a condition of human existence, allows the affirmation of life. Initially starting from the understanding of the absurd in the context of contemporary man's experience, with its adversities and uncertainties, we delve into the feeling of anguish and are faced with a question: is life worth living? In an attempt to escape this situation, we look for ways to suppress the absurd, what Camus calls suicide. Faced with these anxieties and desires to deny life, the problem arises: how to affirm life in the face of this absurd human condition? Camus addresses the issue of absurdism in such a way that his reflection on this existential condition makes us reflect positively on life. To do this, the philosopher is inspired by Sisyphus' constant struggle, because despite facing all the difficulties that befall his existence, he strives daily to reach the top of the mountain and, from there, witness the rock roll back down. Despite the arduous challenge, Sisyphus does not give up on putting himself back on the journey of life.

Keywords: Camus. Absurd. Sisyphus. Life-affirming.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	O DESPERTAR DO ABSURDO EM O MITO DE SÍSIFO.....	11
2.1	ETIMOLOGIA DO ABSURDO.....	11
2.2	CAMUS: UMA EXISTÊNCIA DE ABSURDO.....	14
2.3	O DESPERTAR DO ABSURDO.....	17
3	DO ABSURDO AO SUICÍDIO.....	21
3.1	NOÇÕES DO SUICÍDIO.....	21
3.2	SUÍCIDIO FILOSÓFICO.....	25
3.3	SUÍCIDIO POLÍTICO.....	27
4	AFIRMAÇÃO DA VIDA NA PERSPECTIVA CAMUSIANA.....	30
4.1	O MITO DE SÍSIFO E A CONDIÇÃO ABSURDA DO SER HUAMNO	31
4.2	SÍSIFO E A PERCEPÇÃO DA VIDA PELO ABSURDO.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Na trajetória da existência, os indivíduos confrontam a efemeridade da vida e a rápida passagem do tempo, levando-os a um estado de reflexão sobre o sentido de suas jornadas. A percepção de que a bolha em que viveram perdeu sua significância e a vida segue seu curso natural em direção ao fim gera uma indagação existencial: o que fiz eu da minha vida? Essa inquietação, intrinsecamente humana, remonta aos primórdios da humanidade, evidenciando-se de maneira marcante no século XX, permeada por guerras e tragédias que lançaram a sociedade em um estado de adoecimento.

Diante das incertezas do futuro, surge uma interrogação crucial: é válido continuar vivendo ou seria mais sensato abdicar da existência? É nesse contexto que emerge a temática central deste trabalho: o absurdo, uma realidade que permeia a condição humana. Inspirados pelo Mito de Sísifo, propomos investigar como a noção de absurdo, tal como apresentada por Albert Camus em suas obras "O Mito de Sísifo" (1941) e "O Homem Revoltado" (1951), contribuem para a valorização da vida.

A metodologia adotada para esta investigação compreende a análise das obras de Camus, focando especialmente na figura de Sísifo como o personagem absurdo que, diante de seu relatório, busca uma reflexão diferenciada. A filosofia de Camus desafia a visão corriqueira do mundo, propondo uma postura ativa diante do caos inerente à existência. A estrutura deste trabalho é organizada em três capítulos, delineando a origem e o significado do termo absurdo, explorando a perspectiva de Camus sobre uma existência absurda e refletindo sobre a descoberta do absurdo como um despertar para a condição humana em busca de sentido na vida.

Ao entrarmos na primeira seção, utilizamos o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano como referência para entender a diversidade de reflexões sobre o termo absurdo. Destacaremos a experiência de Camus na guerra como um evento marcante, desencadeando uma quebra na essência do ser humano e do mundo. Abordando a descoberta do absurdo, apresentando elementos filosóficos que buscam escapar dessa condição, culminando na noção de suicídio como uma estratégia para proteger a segurança.

Neste contexto, esta obra propõe-se a explorar, na sua segunda seção, as diversas facetas do absurdo ao suicídio como uma estratégia para superar a

acessibilidade dessa condição paradoxal. Desdobrando-se na análise de diferentes abordagens para suprimir a própria existência física como uma resposta ao confronto com o absurdo. A metodologia adotada para esta investigação compreende a análise aprofundada de conceitos específicos, como o suicídio filosófico e o suicídio político, como meios de suplantar a racionalidade e buscar esperança no futuro, respectivamente.

Ao adentrarmos nesse território intricado, exploraremos o suicídio filosófico como uma tentativa de transcender a racionalidade puramente humana, depositando fé em seres superiores e transcendentais. Esta abordagem, por sua vez, levará à reflexão sobre o suicídio político, onde a realidade é mascarada em prol de uma visão esperançosa no horizonte futuro.

Na terceira última seção, exploraremos como a acessibilidade da condição absurda, através do exemplo de Sísifo, não implica em suprimir a vida em expectativas futuras, mas sim em encontrar um olhar de acessibilidade profundo e afirmação da existência. A análise crítica de como Sísifo enfrentou suas instruções nos conduzirá a uma compreensão mais ampla da filosofia de Camus e, por extensão, às possibilidades de construir um significado intrínseco em meio ao absurdo.

Dessa forma, esta trabalho não apenas se propõe a desenvolver a perspectiva de Sísifo como um ponto culminante na busca pelo sentido, mas também a oferecer uma reflexão filosófica sobre as implicações dessas limitações, abrindo caminho para uma compreensão mais profunda da condição humana em sua complexidade absurdo, propondo uma afirmação da vida.

2 O DESPERTAR DO ABSURDO EM O MITO DE SÍSIFO

Essa sessão abordará a etimologia do termo absurdo e o seu sentido ao longo da história da filosofia. Numa visão panorâmica, partiremos da antiguidade até a contemporaneidade. Observaremos que as nuances sobre o absurdo variam, de forma que ele é visto como uma ruptura, como uma reconstrução do olhar acerca da subjetividade, mas também como expressão de uma perspectiva pessimista e existencialista. Tomaremos O Mito de Sísifo de Albert Camus como pano de fundo de nossa reflexão.

2.1 ETIMOLOGIA DO ABSURDO

A palavra absurdo vem do latim *absurdum*, significa, menos surdo, um atributo não só da aquele que não escuta, mas principalmente como aquele que não identifica, aquele não entende, que não compreende as mensagens e a comunicação. também pode ser identificado como aquilo que é desagradável aos ouvidos, o que é incompreensível, dissonante, abafado ou irracional.

De acordo com Abbagnano (2015), o absurdo se caracteriza por estar descontextualizado, não encontrando lugar algum. Durante um certo período em diversas culturas, doutrinas e crenças, essa expressão suplantava os limites do tradicional, causando uma ruptura social e gerando contradições. Por um lado, podemos identificar o absurdo como algo contrário ao senso comum, oposto ao que geralmente é aceito ou como uma espécie de falsidade dentro de um conjunto de crenças. Por exemplo, quando alguém diz: Você viu o que fulano fez? Aquilo foi um absurdo! Esse julgamento moral implica que a ação está além do que é verdadeiro e moralmente aceitável. Ou então, quando alguém diz: Isso que você está falando é um absurdo! Nesse contexto, entendemos o termo como uma referência à ideia de lógica, quando parece haver uma contradição nas premissas do argumento, algo que não se encaixa perfeitamente em uma validade lógica.

Desde o princípio, a filosofia clássica buscou a verdade ou a validade de seus argumentos, afastando-se claramente de tudo o que era considerado absurdo. Assim, tudo o que é estranho, distante ou contrário a um raciocínio filosófico e racional é excluído do campo da filosofia e chamado de absurdo. Em outras palavras, também

pode ser chamado de ilusório, contraditório, inverdadeiro, falso, dependendo do pensador.

A partir desse ponto, trabalharemos a cronologia do termo absurdo vislumbrada na ótica dos filósofos, Aristóteles (384-322 a.C), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Immanuel Kant (1724-1804), Arthur Schopenhauer (1788-1860), Søren Aabye Kierkegaard (1815-1855). A partir desse momento iremos abordar o absurdo e a forma como influencia em nossa realidade e nos faz refletir na atualidade.

Para Aristóteles, o absurdo era visto como algo impossível, *adynaton*, pois demonstrava contradição. Por isso, ele associava a palavra a um raciocínio ou a uma posição contrária a uma hipótese. Aquilo que causava estranheza e oposição evidente era denominado por ele como absurdo (ABBAGNANO, 2015).

Aristóteles, em sua lógica, utiliza o método chamado de redução ao absurdo ou raciocínio por absurdo. Esse método consiste em tentar provar uma proposição como sendo verdadeira baseando-se em sua contraditória, e tentando demonstrar que tal contraditória leva a uma conclusão falsa. Portanto, se a contraditória da primeira proposição leva a uma conclusão falsa, isso significa que a primeira proposição é verdadeira. Em outras palavras, a contradição de algo leva à falsidade, o que implica que esse algo pode ser verdadeiro. Nesta pesquisa, pulamos para uma época diferente, pois não encontramos abordagens sobre o tema apresentado nos anos que não foram mencionados.

O filósofo moderno Gottfried Wilhelm Leibniz, também utiliza essa mesma técnica de redução ao absurdo, porém ele a aplica na área da matemática. Ele afirma que a redução ao absurdo pode ser chamada de demonstração apagógica e é útil para a matemática, pois propõe que, em um universo finito em que A, B ou C são verdadeiros, podemos provar, através da demonstração apagógica, que A é falso e B é falso, portanto, C é verdadeiro. Dessa forma, em um universo onde uma coisa ou outra, ou uma terceira opção podem ser verdadeiras, ao provar a falsidade de duas opções, a terceira restante é verdadeira (ABBAGNANO, 2015).

Immanuel Kant, em sua reflexão, nos mostra que esse tipo de argumentação é muito válido para a lógica matemática, mas tem pouca aplicação na filosofia, uma vez que funciona apenas no âmbito da argumentação e da objetividade e muitas vezes não funciona no campo da subjetividade, já que esses dois universos podem ser distintos. Em Kant, temos uma distinção, por exemplo, entre o inverso do númeno e do fenômeno.

Se, para nós, a subjetividade está no fenômeno, pode acontecer que algo que é subjetivamente impossível não signifique que ele seja objetivamente impossível, esses dois campos não se misturam. Então, para onde Kant nos guiará com essa ideia absurda? Ele nos conduz ao campo da moralidade.

Kant compreende que a lei moral já habita em nosso âmago de maneira extremamente objetiva. Seria um completo contrassenso não seguir essa lei moral, pois todos nós possuímos a capacidade lógica de acessá-la. Portanto, se todo indivíduo é racional, qualquer atitude que vá de encontro à racionalidade é verdadeiramente absurda (ABBAGNANO, 2015). Apesar da contribuição do conceito de absurdo, esse pensamento filosófico se torna um problema somente quando o ser humano percebe a existência a partir da filosofia de Arthur Schopenhauer e seu pessimismo filosófico. É a partir do século XIX que se percebe que a própria vida é absurda, quando ela não possui nenhum outro propósito além do desejo de continuar vivendo, mesmo que sem sentido. Para Schopenhauer, somos impulsionados pelo desejo, mas não há uma razão explícita para continuar vivendo, uma vez que esse desejo está sempre insatisfeito ou, no mínimo, não nos satisfaz completamente. Portanto, apesar de continuarmos desejando viver, esse desejo não possui sentido algum; é aqui que o absurdo se apresenta.

Apesar de a noção do absurdo ter ganhado status existencial com Schopenhauer, foi com Søren Aabye Kierkegaard que o conceito se popularizou. É quando pensamos sobre o absurdo que nos deparamos com o momento da ação em que posso fazer escolhas, sendo que nenhuma dessas diversas opções de agir me oferecem certeza, condição ou garantia de que o que faço ou deixo de fazer está correto. É nesse momento que o absurdo se manifesta, pois já não há mais certeza, nem minha própria reflexão ou racionalidade vão me ajudar. É aí que fico paralisado, sem saber quais caminhos tomar. É nesse momento absurdo que, para Kierkegaard, entra o poder da fé.

Kierkegaard, precursor do existencialismo, mostra que apesar da vida não fazer sentido algum. Essa ausência de sentido também se manifesta na própria estrutura de Deus, que deixou sua eternidade e entrou na existência temporal. Isso constitui um movimento absurdo, no qual Deus age de maneira igualmente absurda. Assim, o ser humano também é chamado a realizar atos de fé absurdos diante da falta de certeza racional. Devemos agir pela fé.

Kierkegaard traz um exemplo muito interessante disso, retirado da história bíblica de Abraão, que oferece seu filho Isaac como sacrifício a Deus. Quando Abraão não sabia mais o que fazer, ele simplesmente obedeceu à voz de Deus. No instante do sacrifício, Deus interrompe o ato e declara que a vontade de obedecer cegamente a voz de Deus, ou seja, agir com fé, já era prova suficiente de seu compromisso com o Reino de Deus.

Kierkegaard nos revela que Abraão e seu filho atravessam um episódio sem sentido, mas também passam por um desfecho absurdo e retornam para uma vida que também é absurda. Dessa forma, Kierkegaard nos mostra que, para viver uma existência destituída de sentido, cheia de imperfeições e incertezas, a única opção é dar o salto impossível e extraordinário da fé (ABBAGNANO, 2015).

Podemos perceber que ao longo da história da filosofia, o conceito de absurdo foi abordado de diferentes maneiras: em certos momentos, foi relacionado à quebra de padrões, à contradição ou ao além da nossa capacidade racional de compreender. No entanto, na contemporaneidade, o absurdo adquiriu um caráter existencial, adentrando nas profundezas da existência humana e suscitando questionamentos sobre a vida. Na próxima seção, iremos analisar o absurdo proposto por Camus, sua ênfase na condição humana, sob a perspectiva de um absurdo intrínseco à existência do homem.

2.2 CAMUS: UMA EXISTÊNCIA DE ABSURDOS

No século XX, o pensador mais relevante acerca dessa questão é o criador do pensamento filosófico chamado absurdismo. Camus, um filósofo francês do século XXI, testemunhou não apenas em sua própria vida esse sentimento, mas também no início desse século a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o que inspirou sua filosofia absurda.

Albert Camus (2021) contemporâneo e de ascendência franco-argelina. Ele se tornou amplamente conhecido por suas obras que lidam com a realidade da época. Seu trabalho se concentra nos sentimentos humanos diante de suas tragédias, confrontando o indivíduo e sua própria existência, e assim criando um diálogo para encontrar significado na vida. Albert Camus, renomado escritor, autor teatral e filósofo, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1957. Suas obras, que retratavam uma ampla gama de acontecimentos da realidade, abordavam inquietações e

esperanças, temas bastante comuns e vivenciados naquela época, devido à guerra e à miséria humana. Desde sua juventude, Camus enfrentou uma infância difícil, assolada por tragédias, como a morte de seu pai na guerra e a invasão nazista. Tudo isso contribuiu para sua perspectiva filosófica sobre o Absurdo.

Cada episódio de sua vida era marcado pela adversidade, pela perda de seu pai em combate, e pela luta contra o nazismo. Camus enxergava um mundo distinto, livre das ilusões de um desfecho feliz, mas sim uma realidade crua e nua. Ele acreditava que o ser humano deveria encarar em sua plenitude o que o cercava, sem buscar refúgio em crenças religiosas ou em utopias de um mundo perfeito. Ao invés disso, deveríamos nos voltar para a vivência realista de nossa condição humana. Como afirmou o próprio escritor:

A obra de Albert Camus é a expressão de um equilíbrio entre a paixão humana e aquilo que o artista exprime: o querer viver. É igualmente a recusa de uma lógica mecanicista e do determinismo, o reconhecimento da impossibilidade da completa transparência do mundo à racionalidade humana (BISPO, 2017, p. 03).

Quando o homem se depara com uma existência diferente daquela que lhe foi apresentada, de um mundo feliz, repleto de alegrias e finais felizes, ele chega a uma conclusão: que está sujeito à morte de qualquer forma, seja em uma vida curta ou longa. Nesse contexto, surge a compreensão de que o mundo real não segue padrões de finais felizes, de que a história tem uma ruptura evolutiva em relação à ilusão de uma felicidade eterna, e o homem percebe que é um ser finito e criado para ser passageiro.

Camus expressa, por meio do absurdo, um desafio que questiona a forma correta de enxergar o mundo, rompendo com a ideia de viver de forma estática e reconhecendo que o mundo é um caos. Dessa forma, o ser humano não deve impor suas próprias determinações sobre ele, mas sim buscar entendê-lo.

Quando o ser humano busca compreender-se a si mesmo, está à procura do sentido da sua existência, mas também da aceitação da sua condição humana, diante do abismo do silêncio, em um dualismo prático entre o ser humano e o mundo, um desvinculo unilateral no qual o ser humano se separa da ideia de uma ordem perfeita e se entrega à constante realidade do mundo e suas transformações.

Salienta que não se trata do impacto do mundo e suas ações, nem do homem e sua condição, mas sim de uma camada que envolve a relação entre o homem e sua

aceitação da condição humana, e o mundo com suas ações realistas, rodeado de eventos e marcas na sociedade. No entanto, será possível que, diante desses fatos, tragédias e fatalidades, o absurdo possa surgir a partir de um ato irracional da condição humana?

De acordo com o estudioso da obra de Camus, Jurgen Hengelbrock, o absurdo não pode ser associado a uma experiência irracional: "Só é considerado irracional aquilo que não está em acordo consigo mesmo e, por isso, não possui qualquer sentido" (HENGELBROCK, 2006, p.47). Podemos observar que o absurdo é coerente, no sentido negativo. É uma afirmação da falta de sentido, e não do contrassenso.

Camus nos mostra que, se o absurdo era antes compreendido através da irracionalidade, agora passa a ser entendido pela razão. O universo se torna responsável por dar um sentido verdadeiro à vida humana. É nesse contexto que o homem busca encontrar-se no meio do caos, na busca pela unidade entre homem e mundo, diante de uma sociedade em constante evolução e ciclicidade.

Será que, diante desse tema, nos deparamos com algo no silêncio que provoca temor tanto ao homem quanto ao mundo? De acordo com o estudioso do absurdo camusiano, isso nos faz perceber que a temática é a forma mais subjetiva de encarar a realidade:

O mundo, portanto, não é absurdo, o que é absurdo, é "esse confronto entre o apelo humano e o silêncio insensato do mundo". O fato de o mundo não ter sentido só o torna absurdo para nós, que procuramos um sentido. É por isso que o absurdo é "um ponto de partida", não um ponto de chegada. Para quem soubesse aceitar o mundo, seu silêncio, sua indiferença, sua pura e simples realidade, o absurdo desapareceria: não porque teríamos encontrado um sentido, mas porque o sentido teria cessado de nos faltar (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 58, grifo do autor).

Nesse sentido, Sponville destaca que ao aceitarmos o mundo tal como ele é, deparamo-nos com um horizonte. Isso não significa que tenhamos perdido a percepção do absurdo diante das adversidades e tragédias, mas sim que teríamos consciência da realidade do mundo e não estaríamos desorientados. Por outro lado, em Camus, o absurdo se encontra no confronto com o mundo e na busca incessante por encontrar esse sentido ausente. Existe em nós uma necessidade de impor ordem ao mundo, e ao nos depararmos com o vazio, com o silêncio, mergulhamos na racionalidade do absurdo.

Consideramos aqui que a ideia de um mundo feliz é algo presente no cotidiano do ser humano. A vida era encarada como algo efêmero diante da morte e das adversidades, e a felicidade era vista como algo a ser alcançado após a vida, na eternidade, oferecendo-nos uma esperança no pós vida. Porém, ao nos depararmos com a realidade, percebemos que a vida é o oposto de uma felicidade ilusória.

Diante de nossas tragédias diárias e da resignação diante dessas circunstâncias, nos vemos confrontados com a existência: qual é o propósito de vivermos nesse mundo? Esse questionamento é o começo do despertar para o absurdo. A seguir, exploraremos esse tema.

2.3 A MANIFESTAÇÃO DO ABSURDO

No cotidiano, o homem desperta cedo, trabalha e volta a dormir, levando uma vida mecânica, sem questionar o propósito de sua própria existência, sujeito à rotina monótona. Durante a jornada da vida, ao se dar conta de que o tempo passa rapidamente, do desgaste físico e da velhice, percebe que tudo transcorreu rapidamente e constata que a vida passou diante de seus olhos sem sentido algum. Esse momento de clareza nos desperta para uma nova visão sobre a vida, fazendo-nos emergir da inércia e refletir profundamente sobre a existência.

Essa sensação de despertar para o absurdo nos leva a adentrar a problemática metafísica, acerca do propósito da nossa existência. Por que nós estamos aqui? Nossos sofrimentos e dificuldades, o sentimento de absurdo, derivam dessa consciência e indagação. Somente ao estarmos conscientes da nossa natureza humana, sentimos o absurdo. A clareza de pensamento é a manifestação evidente da questão metafísica fundamental do existencialismo, o propósito da vida.

No livro de Albert Camus, Luppé descreve que a consciência desperta de nossa rotina diária. Ele afirma: "Nasce do gesto cotidiano, é dentro do mecanicismo que a consciência se impõe, se apossa dele, como dois címbalos, como duas naturezas que colidem" (LUPPÉ, 1951, p. 13). Conforme mencionado, o homem percebe sua vida passar diante de seus olhos no caminho para o trabalho, na hora da refeição diária. Esse despertar de consciência nos tira da rotina mecânica de cama, trabalho e casa, e nos desperta para a lucidez.

É a partir desse despertar que a consciência humana entra em movimento, em busca do sentido da vida. Assim, libertos da inautenticidade, da falta de

consciência da vida, livres de ilusões e anseios futuros, o homem, a partir desse despertar, se torna o autor de sua própria reflexão.

Temos ciência de que enfrentaremos eventos no futuro, como a perda de um ente querido ou até mesmo o fim de nossa vida. No entanto, não estamos preparados, pois não encontramos no mundo a resposta. Quando nos damos conta de que estamos em uma encruzilhada entre continuar ou não, somos inundados por um vazio existencial e angustiante. Viver implica ter a habilidade de saber viver, enquanto morrer requer aceitação e consciência de nossa própria existência.

A morte impõe uma aflição ao ser humano e implica em cessar a existência, diante dessa ruptura que ocorrerá na trajetória de todo indivíduo. A angústia existencial invade o ser humano, essa sensação desconfortável que surge diante desse confronto entre a própria existência e o fim, causa uma separação entre o homem e o mundo. O ser humano e sua própria existência, e o mundo, uma ilusão daquilo que nos foi apresentado como uma eternidade feliz.

Camus notou que o ser humano sempre sentia um vazio existencial, porém não sabia como chegar a essa reflexão em uma busca de explicação, e a necessidade de dar sentido a essa angústia. Concluiu que estamos destinados a ver a vida passar rapidamente e sem aproveitamento, imersos em uma falta de autenticidade, nos deparamos com uma vida sem o sentido de autoconhecimento e se realmente vale a pena ser vivida!

Nesse contexto, quando nos deparamos com uma rotina cansativa, na qual percebemos que o tédio, o trabalho e a vida banal passam rapidamente, coisas que antes nos entusiasmavam já não possuem o mesmo significado, percebemos diante da fluidez da existência algo fora do comum, sem direção. Ao questionarmos a vida, seu valor, essa indagação que emerge na vida humana é uma condição existencial.

“Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível” (CAMUS, 2019, p.18). Ao expressar esse sentimento, Camus revela que todos os seres humanos estão sujeitos a essa ocasião, que não são eventos extraordinários que nos levam a experimentar esse sentimento, mas sim a vida cotidiana. Haverá um momento em que o homem sairá da rotina e despertará para sua própria existência, uma espécie de despertar de lucidez que nos provoca uma queda insuperável: “essa incalculável queda diante da imagem do que nós

somos, essa 'náusea', como a denomina um autor de nossos dias, é também o absurdo" (CAMUS, 1965b, p. 108).

Esta é a sensação e esse sentimento nos coloca em um dilema sobre nossa existência, desistir ou não desistir de uma vida de fantasias? Essa reflexão nos faz questionar se desejamos prosseguir ou se queremos viver nessa perpétua apatia em relação à realidade, diante das dificuldades e tragédias humanas:

Em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega a hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: "amanhã", "mais tarde", "quando você conseguir uma posição", "com o tempo vai entender". Estas inconseqüências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer. Chega o dia em que o homem constata ou diz que tem trinta anos [...]. Pertence ao tempo e reconhece seu pior inimigo nesse horror que o invade. O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo (CAMUS, 2019, p. 28, grifos do autor).

O ser humano, em sua razão, compreende seu papel no mundo e percebe que tanto o mundo quanto o tempo são passageiros. Ele percebe que a vida já atingiu seus momentos mais elevados e observa que o que viveu não foi tão benéfico ou significativo. Ao deparar-se com essa revolta interior, ele compreende que não faz mais sentido seguir em frente e que alcançar esse ponto de despertar não teve nenhum valor.

Desperte para um mundo que lhe foi apresentado e ensinado de forma incorreta, muitas vezes, a olhar para a vida. Nesse sentido, o ser humano percebe a própria figura dentro de si mesmo, onde os sentimentos residem, não além da experiência do outro. Apesar das interações com os outros, a experiência é única para cada indivíduo. Dessa forma, somente o ser humano é capaz de sentir a própria angústia, e o mundo é uma representação dos desejos e eventos que o cercam.

Nesse paralelo entre o mundo e o homem, o ser humano se torna estrangeiro, pois diante dessa angústia: "Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar. Mas em um universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro" (CAMUS, 1965b, p. 101).

Observamos, sob esta perspectiva, que a essência do absurdo reside em sermos forasteiros num universo onde não alcançamos a compreensão plena. Ao depararmos com um vazio em nosso ser, percebemos que o vazio em si é uma manifestação da condição absurda.:

O primeiro sinal do homem que se descobre absurdo é a sensação – que surge com o despertar da consciência – do vazio com sua própria condição. Esse despertar, por sua vez, é uma via de acesso a seu próprio ser, que tem implicações práticas, visto que ser-no-mundo não implica o homem ser simplesmente um ente dentro do mundo, mas permanecer íntimo ao mundo (PIMENTA, 2018, p. 59)

O absurdo reside na existência do ser humano, em sua rotina, como também no cosmos, na ordem do mundo. O absurdo se manifesta no encontro entre o ser e o cosmos, e no confronto entre a necessidade que o ser humano tem de atribuir importância a tudo que existe e a incapacidade de fazê-lo nesse caso, quando o homem impõe que as coisas devem ter sentido, que o progresso é obrigatório, que o sucesso é a melhor maneira de alcançar a glória.

A sensação do absurdo surge da oposição que o universo oferece aos nossos conceitos e ideias, já que tentamos impor um propósito e uma unidade a ele. Sentimos a necessidade de impor ordem ao universo, mas sua resistência é natural.

O universo é resistente. Queremos que ele se adeque à nossa forma, queremos dar nome e regulamentar o universo, mas isso está errado. O homem é lançado ao mundo e, ao se deparar e adentrar a perspectiva absurda, busca de diversas maneiras escapar do encontro consigo mesmo, com sua história, perceber que diante do absurdo não apenas há uma ruptura, mas também uma busca pelo sentido da vida.

A experiência humana não ultrapassa a própria existência, não é algo metafísico, mas sim humano. Nesse contexto, a filosofia é colocada em discussão, pois somos seres finitos. Nesse sentido, a morte é peculiar, é absurda, mesmo sabendo que vai acontecer, não sabemos como será; assim, isso gera no ser humano um sentimento de impotência.

Dessa forma, o absurdo se torna um evento arriscado, suas expectativas futuras não são cumpridas, viver em um futuro sem expectativa é sentir-se amarrado a amarguras e decepções. Portanto, o absurdo seria algo que já está intrínseco à condição humana? Sim, pois o absurdo está presente no interior do ser, mas se revela no confronto entre o ser humano e o mundo.

É verdadeiramente absurdo quando confrontado com a realidade do homem impotente, pois é nesse momento que ele descobre suas limitações. Apesar dessas limitações, o homem sempre encontra maneiras e meios de tentar escapar da

realidade humana. Pergunta-se se, ao confrontar um ponto crucial em sua jornada, a escolha entre viver ou morrer, ele conseguirá eliminar o absurdo. Determinar se a vida, com seus dramas e dificuldades, merece ser vivida ou não é um problema fundamental para a filosofia. No entanto, aprofundaremos esse tema posteriormente!

3 DO ABSURDO AO SUÍCIDIO

Como enfrentar o absurdo de acordo com Camus? Diante de todas as experiências vividas pelo homem, como ele consegue escapar? Camus observa que o suicídio não é a melhor maneira de lidar com a condição absurda. Como mencionado anteriormente, o homem busca maneiras de disfarçar sua condição, adotando outros pensamentos para tentar escapar da dura realidade de sua vida absurda, e Camus chama isso de suicídio. Nesta seção, vamos explorar as diferentes formas de suicídio.

3.1 AS NOÇÕES DE SUÍCIDIO

Ao longo da trajetória da história da filosofia, alguns pensadores se aprofundaram na problemática do suicídio (RODRIGUES, 2012) e da existência humana. No entanto, os filósofos abordaram o tema do suicídio de maneira rápida e condenatória. Apresentando como um ato errado e ligado ao pecado. Ao percebermos essa condenação, notamos que ao longo dos séculos foi imposta uma doutrina do **sim** e uma cultura da vida, sendo **viver um dever**.

Ao longo da história, o suicídio tem abordado de diversas formas. Na antiguidade, era interpretado através dos mitos, e nas obras sagradas, encontramos referências no Alcorão e na Bíblia. Na Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, podemos ver histórias como as de Sansão, Abimaleque e o Rei Saul. Notamos que esse ato de tirar a própria vida era considerado heroico, morrer por uma causa nobre ou entregar-se voluntariamente era visto como algo grandioso. Foi somente no século V que a Igreja Católica começou a condenar tais atos, comparando-os ao pecado mortal e à condenação demoníaca, como podemos perceber:

Nos quatro primeiros séculos do cristianismo, pode-se dizer que houve um longo período de ambiguidade interpretativa. A partir de então, o discurso da Igreja Católica se tornou totalmente contrário a esse ato, e os suicidas

passaram a sofrer um processo de interdição absoluta. O discurso de Santo Agostinho, por exemplo, os condena terminantemente dizendo que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob o pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de se mergulhar nos tormentos eternos. Segundo esse teólogo, o suicídio contraria o sexto mandamento da Lei de Deus: "Não matarás" e por isso é um ato condenável e criminoso (MINAYO, 2005, p. 217, grifos do autor).

Durante as deliberações do Concílio de Praga surgiu a concepção de que o suicídio era uma ação penalizável e à margem da sociedade, implicando certas restrições, tais como a proibição de cerimônias fúnebres e a impossibilidade de sepultamentos em cemitérios comuns. Somente no século XVII, com o avanço da ciência, o suicídio começou a ser observado e associado a uma doença orgânica. A Igreja passou a considerar o suicídio como um transtorno mental no século XX, através da pesquisa realizada pela psicologia e filosofia.¹

Na filosofia, especialmente em Camus, o suicídio é retratado como renúncia à essência humana. Abandonar a própria vida, para o filósofo existencialista, equivale a desistir da natureza absurda da existência. Uma vez que o absurdo surge da conexão entre o ser humano e o universo, como observado no capítulo anterior, ao eliminar o homem, sua vida e sua condição, eliminamos também o absurdo!

A obra de Camus, intitulada O Mito de Sísifo, tem como ponto de partida a marcante frase: "Só existe uma questão filosófica verdadeiramente válida, a questão do suicídio" (CAMUS, 2021 p.17). Ao afirmar que somente o suicídio é a questão filosófica verdadeiramente relevante, Camus faz-nos perceber que ninguém jamais se matou por causa dos argumentos antológicos ou dos imperativos categóricos de Kant; entretanto, muitas pessoas já puseram fim às suas vidas por sentirem que a existência não possui sentido algum."

Segundo um filósofo argelino, a opção do suicídio físico não é uma solução adequada. Camus utiliza a figura de Galileu Galilei (1564-1642) como exemplo, pois mesmo sendo convicto de sua ideia sobre o heliocentrismo, que desloca a Terra do

¹ Na atualidade, o novo Catecismo (1992) afirma: Depois de condenar severamente o ato do suicídio, declara: "Transtornos psíquicos graves, angústia ou medo intenso de provação, sofrimento ou tortura podem diminuir a responsabilidade do indivíduo que cometeu o suicídio". O Catecismo promove uma postura pastoral de confiança ao afirmar: "Não devemos desesperar da salvação daqueles que se tiraram a própria vida. Deus pode, por meio de caminhos que só ele conhece, proporcionar-lhes a oportunidade de um arrependimento benéfico". Dessa forma a Igreja Católica, passa a ter um olhar de misericórdia e perdão. Segue um artigo para melhor compreensão do Pe. Mario Marcelo, doutor em Teologia Moral: <https://formacao.cancaonova.com/atualidade/sociedade/o-que-igreja-diz-sobre-o-suicidio/>.

centro do universo e coloca o Sol como centro do sistema dos mundos, Galileu preferiu continuar vivendo. Ele aceitou a condenação contra a sua teoria, optando por permanecer em silêncio em vez de defender sua teoria e ciência. Nas palavras de Galileu: " Em certo sentido, fez bem. Essa verdade não valeria o risco da fogueira. É profundamente indiferente saber qual dos dois, Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade" (CAMUS, 2021, p. 18).

Camus também nos traz um novo enfoque sobre o suicídio: " O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido" (CAMUS, 2021, p.19). Para o filósofo, o suicídio não é encarado como um fenômeno social, mas sim como uma preocupação voltada para a forma existencial. Diante da problemática de uma morte física voluntária no âmbito social, há uma preocupação silenciosa no íntimo do ser humano. Esse verme é o próprio sujeito e suas particularidades, ou seja, está impregnado na essência do homem.

O pensador argelino observa que há diversos motivos para se cometer suicídio e reconhece que é difícil compreender o motivo ou a motivação por trás da decisão de tirar a própria vida. Camus destaca que os jornais mencionam a ocorrência de "aflições íntimas" ou "doenças incuráveis". Essas explicações são válidas. No entanto, é preciso saber se, no mesmo dia, um amigo do desesperado não agiu de forma indiferente em relação a ele (CAMUS, 2021, p. 19, grifo do autor).

Ao longo de sua história, a humanidade sempre buscou sentido, significado e razões para sua própria existência. Ao percebermos que agimos de forma automática ao longo da vida, sem uma reflexão profunda, compreendemos que a vida nos sobrepôs. Sentir que a vida não tem mais sentido é um sentimento de absurdo, que nos causa desilusão, pois percebemos que somos seres destinados à morte e que a vida não vai além da existência.

A procura por algo que preencha o vazio deixado pelo absurdo é igualmente uma manifestação da condição humana e racional. O ser humano tem a necessidade de atribuir sentido a tudo e, ao percebermos que não conseguimos dar sentido a tudo, notamos essa condição e buscamos suprir essa falta. Em vez de entrar em reflexão, desistimos e preenchemos nossa vida. Essa necessidade, segundo Camus, é compartilhada por outro filósofo, evidenciando assim a condição humana:

A vida humana transcorre, portanto, toda inteira entre o querer e o conquistar. O desejo, por sua natureza, é dor: a satisfação bem cedo traz a saciedade. O fim não era mais que miragem: a posse lhe tolhe o prestígio; o desejo ou a necessidade novamente se apresentam sob outra forma, que do contrário bem o nada, o vazio, o tédio (...) (SCHOPENHAUER, 2005, p. 82).

Schopenhauer revela-nos a inquietação de atribuir sentido a tudo, a ânsia de conquista e de concretização. Esse anseio nos aflige, pois reconhecemos nossas limitações humanas; somos seres finitos, destinados à morte, incapazes de realizar, num estalar de dedos, todos os nossos desejos e aspirações. Diante disso, o homem busca no suicídio uma forma de escapar desse ímpeto de conferir sentido a tudo, de encarar sua condição e aceitar a absurda existência da vida.

O homem e sua condição, Camus pondera sobre a natureza imperativa dos costumes, levando em consideração que até mesmo a vida em si é, antes de qualquer coisa, um hábito, e que o ato de recorrer ao suicídio revela, entre outras coisas, a percepção do vazio, da falta de fundamentos e propósito desse hábito que é existir. Ele estabelece uma relação direta entre o caráter fútil de nossa existência e os paradoxos fundamentais da condição humana: a contradição entre a obstinada busca por conhecimento e vida e um mundo inexplicável e finito (TOTI, 2011)

Será fácil, então, aceitar essa condição? Como percebemos, o suicídio não é a maneira mais eficaz de superar a condição humana, como foi apresentado na primeira sessão. É necessário aceitar a nossa absurda condição humana, pois ao aceitá-la, seremos capazes de reafirmar a nossa existência, um assunto que será abordado nas próximas sessões.

Desse modo, desistir da vida apenas terminaria a nossa subjetiva condição absurda, mas o problema persistiria na vida humana. Será que as nossas escolhas são verdadeiras? Camus argumenta:

Exposto em termos claros, este problema pode parecer ao mesmo tempo, simples e insolúvel. Mas supõe-se erroneamente que perguntas simples levam a respostas não menos simples e que a evidência implica a evidência. *A priori*, e invertendo os termos, do problema, parece que ou você se mata ou não se mata, só há duas soluções filosóficas, a do sim e a do não. Seria fácil demais. Mas temos que pensar naqueles que não param de interrogar, sem chegara nenhuma conclusão (CAMUS, 2021, p.20, grifo do autor).

Seria consideravelmente fácil se fosse apenas um questionário com apenas duas opções, sim ou não. O homem nem sempre tem convicção sobre o absurdo,

muitos que escolhem a opção "sim" quanto à situação acabam tendo comportamentos que não correspondem à aceitação, assim como aqueles que dizem "não" ao absurdo e vivem de alguma forma aceitando-o. Existe uma grande parcela da população que continua vivendo, mesmo cientes da sua condição absurda. A verdade é que o ser humano, muitas vezes, diz que a vida não vale a pena e mesmo assim persiste, enquanto outros que nunca demonstraram acreditar nesse pensamento acabam sucumbindo ao suicídio. O ser humano procura evitar a morte, diante de doenças, tragédias, sempre tentou superar essa decepção humana, confiando na esperança como uma fonte confiável para sua jornada, como evidenciado acima. Ao longo da história, o ser humano sempre buscou algo para tentar curar suas decepções, seja na fé, na autoafirmação ou até na renúncia à própria vida.

Sempre apostamos na esperança, em um ser externo a nós mesmos para preencher essa lacuna na realidade humana:: Esperança de uma outra vida que é preciso ´merecer`, ou truque daqueles que vivem não pela vida em si, mas por alguma grande ideia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e atrai (CAMUS, 2021, p.22, grifo do autor).

Percebemos que permanecer na jornada não é simples, requer uma maturidade racional em relação ao absurdo, precisamos reconhecer o significado do absurdo, avaliar essa situação e então prosseguir, no entanto, frequentemente nos deparamos com a tentação de seguir o exemplo de outros e escapar da condição do absurdo através do suicídio.

A seguir, veremos diferentes formas de suicídio que nos levam a fugir da condição absurda. Primeiramente, exploraremos o suicídio filosófico, discutido em sua obra O Mito de Sísifo (1942), em seguida, abordaremos o suicídio político na obra O Homem Revoltado (1951), numa tentativa de escapar da condição humana.

3.2 O SUÍCIDIO FILÓSOFICO

Viver sob este céu sufocante nos abriga a sair ou ficar: “A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e por que se fica, no segundo. Defino assim o problema do suicídio e o interesse que se pode atribuir às conclusões da filosofia existencial” (CAMUS, 2008, p.43). Abandonar a vida de forma voluntária, ou seja, o suicídio físico, é uma maneira de tentar resolver o absurdo instantaneamente. Camus nos apresenta

outra abordagem não racional para lidar com esse problema, sugerindo uma jornada de esperança que tem como objetivo eliminar a condição absurda, descobrindo possibilidades nos seres transcendentais, além da nossa realidade humana.. O filósofo existencialista (CAMUS,2021) chama isso de suicídio filosófico.

Camus percebe que alguns filósofos ao tentarem solucionar o problema do absurdo, erraram ao aplicar seus pensamentos em um salto de fé, buscando aplicar na fé a solução para essa problemática. Nesse sentido, Camus critica fortemente um existencialista cristão, o pensador Kierkegaard, em sua obra-prima **Temor e Tremor** (1843). O pensador existencialista cristão comenta:

A fé é justamente a contradição entre a paixão infinita da interioridade e a incerteza objetiva. Se posso apreender objetivamente a Deus, então eu não creio; mas, justamente porque eu não posso fazê-lo, por isso tenho de crer; e se eu quero manter-me na fé, tenho de constantemente cuidar de perseverar na incerteza objetiva, de modo que, na incerteza objetiva eu estou sobre “70.000 mil braças de água”, e contudo creio” (KIERKEGAARD, 2013, p. 105, grifo do autor).

Kierkegaard explora o absurdo de forma distinta, em contraste com Camus, pois para ele, trata-se de uma afirmação, acredito eu, devido à sua própria religiosidade. Kierkegaard, cristão luterano, percebe a absurda natureza de nossa existência, onde vivemos, trabalhamos, pensamos e cultivamos relações, apenas para terminar em morte. Tal situação é absurda, sem dúvidas! No entanto, para filósofo dinamarquês, esse dilema é justamente o motivo para crermos em Deus e, portanto, razão para darmos um salto de fé.

O filósofo dinamarquês enxerga no absurdo o desespero, que nos faz entrar no campo do pecado, por isso ele recorre a fé. Camus cita Kierkegaard: “o desespero não é um fato, mas um estado: o próprio estado do pecado. Pois, o pecado é o que afasta de Deus (CAMUS, 2021, p.53). Para Camus, o absurdo não é um pecado, pois não temos a necessidade de Deus, pois um homem consciente de sua condição não busca em seres transcendentais alguma afirmação.

É importante ressaltar que Camus não está afirmando aqui a existência ou não de Deus. Essa não é a preocupação principal de sua filosofia. No contexto racional da condição absurda, não se trata de negar a razão e depositar a compreensão em Deus. Kierkegaard reconhece que o absurdo surge na relação do homem com o mundo, mas, ao contrário de Camus, ele apresenta esse salto, como já foi mencionado

anteriormente no segundo capítulo. Camus critica a atitude de Kierkegaard, pois, segundo ele, o filósofo dinamarquês vê diante do absurdo uma tentativa de curar o incurável, ou seja, tenta curar a condição humana absurda por meio de Deus.

Camus nos mostra que essa ideia equivale a um suicídio filosófico, é uma forma de apelação, pois recorrer à fé para resolver nossos problemas é um suicídio, já que depositamos nossa confiança em um ser transcendental e inatingível, para o qual não há provas de existência. Dessa forma, não apenas perdemos a racionalidade do absurdo, mas também aniquilamos a consciência absurda.

Segundo o filósofo argelino, o equívoco de Kierkegaard consiste em buscar o agradável em vez do verdadeiro. Nem sempre o que é mais agradável ao pensamento humano é o melhor, de fato! Camus não questiona a existência de Deus, não declara que Deus não existe. No entanto, ele afirma que não possui qualquer prova da existência de Deus. Portanto, recorrer a Deus para resolver os problemas da humanidade implica buscar conceitos metafísicos, que provavelmente não são nem verdadeiros e nem tangíveis.

De acordo com a perspectiva de Camus, é imprescindível que caminhemos e vivamos sem nos apegarmos a coisas externas e transcendentais. Em vez disso, devemos viver mergulhados no abismo do vazio, em busca de um propósito na vida, sem a necessidade de buscar conceitos inteligíveis ou depender de saltos de fé. Camus percebe que o maior problema do suicídio filosófico reside na repressão da condição humana, na tentativa de conciliar o mundo com o ser humano e de encontrar no transcendente a resposta e o meio de escapar dessa condição, ao renunciar à racionalidade. Camus reprova essa postura, pois, em sua visão, a racionalidade do absurdo, ou seja, a consciência de nossa condição, é a melhor maneira de nos encontrarmos e atribuirmos um sentido à vida. No entanto, o pensador não nos apresenta apenas esse suicídio; o suicídio político é outra forma encontrada para escapar do absurdo. Ao criar a ilusão de um mundo perfeito e futurista como uma tentativa de suprir a relação entre o absurdo e o ser humano, examinemos a seguir.

3.2 SUÍCIDIO POLÍTICO

Camus nos faz refletir a importância de viver a realidade, no século XX, onde o futuro idealizado era um mundo de plena felicidade, livre de guerras e repleto de

paz. O filósofo argelino nos convida a viver uma vida realista, não apenas fixando o olhar em um horizonte distante, mas sim observando atentamente o mundo ao nosso redor.

De acordo com o pensador fraco-argelino, o ato de se sacrificar politicamente está relacionado à experiência a partir de uma utopia. Agora podemos perceber que a busca pela eliminação da existência não se refere mais ao transcendente, a uma entidade divina ou a um Deus, mas sim à ilusão que confronta a realidade humana, vislumbrando o futuro como uma fantasia de um mundo aprimorado. Embora não seja uma figura divina, ela se revela revestida de esperança por um mundo melhor.

O suicídio político passa a enxergar a sociedade de maneira fantasiosa, distante da realidade, se distanciando do racionalismo verdadeiro, isto é, da vida como ela é e como é apresentada, buscando nos livrar do absurdo, contemplando o mundo ao nosso redor como uma sociedade perfeita no campo econômico, onde todos os seres humanos são iguais.

A sensação de absurdo ainda existiria na natureza humana, porém seria disfarçada pela sensação positiva de um mundo belo e futurista. O comentarista sobre o suicídio político de Camus afirmou:

O que é o sofrimento para quem acredita no futuro? Na perspectiva da profecia, nada importa. A ditadura provisória é justificada, o suicídio é justificado, o assassinato é justificado. Aceita-se matar e em nome de uma ideia, bem como aceita-se morrer enquanto indivíduo. É o custo a se pagar pelo futuro prometido (LAURO, 2020).

Uma pessoa utópica, consciente da sua realidade, não nega a existência do sofrimento e da tragédia, mas escolhe direcionar sua atenção para o futuro, acreditando na possibilidade de superação. Embora reconheça os problemas atuais, mantém a esperança de que, ao olhar adiante, encontre justificações e soluções para as adversidades presentes. Contudo, é crucial discernir que o suicídio político não representa uma alternativa viável, pois se fundamenta em uma ilusão enganada. Uma utopia, quando utilizada como meio de enfrentar absurdos, revela-se uma perspectiva ilusória e ambientalmente prejudicial, distante de fornecer resoluções efetivas.

[...] muitas pessoas morrem por considerarem que a vida não merece ser vivida. Outros vejo que se fazem paradoxalmente matar pelas ideias ou pelas ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se chama uma razão de viver

é ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer). (CAMUS, 2021, p.14, grifo do autor).

Inserir a sua condição humana no mundo da ilusão não é apenas se suicidar, mas aniquilar a sua consciência racional do absurdo. O filósofo argelino propõe um pensamento imanente, tendo como pano de fundo a realidade, aquilo que vivemos verdadeiramente, sem fantasias e adereços na eternidade. O século XX foi marcado por guerras e tragédias; Camus convida-nos a olhar para o presente, afastando-nos do olhar ilusório do horizonte, pois se permanecermos fixados no horizonte, estamos sujeitos à desilusão.

Ao entrar no campo da realidade absurda, Camus permite-nos ver que a racionalidade absurda, isto é, a consciência do absurdo, é a maneira mais preparada para lidar com os eventos futuros, pois quando colocamos a nossa condição absurda em estado de racionalidade, tornamo-nos abertos às contradições e dificuldades que podem surgir.

Camus demonstra que o pensamento de Karl Marx (1818-1883) contém uma grande falha, pois ele se revela premonitório e intrínseco, facilmente compreendido quando comparado ao cristianismo. Aqueles que lutam pela revolução sempre acabarão sendo martirizados, pois sempre idealizam um mundo perfeito e melhor. Camus não está questionando a nobreza da luta de classes, mas sim submetendo a humanidade a uma ilusão passageira, na qual a revolução e a igualdade de classes seriam rápidas e prósperas.

A narrativa e a própria filosofia estão em sintonia com o pensamento cristão, de um destino feliz. Os gregos não encaravam a história como um desdobramento divino, apenas seguiam o curso da natureza. Ao contrário dos cristãos, que buscam controlar a natureza, os gregos buscavam obedecer. O pensador franco-argelino nos traz essa reflexão: **“A utopia substitui Deus pelo futuro”** (CAMUS, 2011, p.241, grifos nossos). Observamos que o socialismo de Marx, é o desenrolar da sociedade divinizada no homem, onde aposta no futuro prospero da sociedade! Camus questiona que imanência seria essa, que atira a vida humana ao futuro?

A verdadeira generosidade em relação ao futuro consiste em dar tudo no presente (CAMUS, 2011, p.248). O presente deve ser encarado como nossa realidade absurda, reconhecendo nossa existência e a sociedade como ela é, sem ilusões ou

fantasias criativas. Devemos nos desapegar das divindades e não buscar no fim da vida uma fuga do absurdo, mas sim reconhecer que o absurdo é nossa condição de vida e que a melhor maneira de viver é aceitá-lo. Na próxima sessão, mostraremos como podemos conviver com o absurdo, não mais tentando escapar dessa condição, mas sim encontrando uma forma de encará-lo.

Diante de toda essa condição do absurdo em nossa vida, guerras, tragédias, mortes, ao rejeitarmos o suicídio, seres transcendentais e ilusões, como posso afirmar a vida? A partir do Mito de Sísifo, analisaremos como afirmar a vida, apesar do absurdo! Vejamos a seguir.

4 AFIRMAÇÃO DA VIDA NA PERSPECTIVA CAMUSIANA

Ao longo de todo o desenvolvimento do nosso trabalho, podemos observar que o absurdo se configura como uma quebra da conexão entre o ser humano e o mundo. A sensação de absurdo acontece devido à condição humana de não encontrar uma explicação para a sua existência limitada. A vida passa rapidamente e, frequentemente, não compreendemos o propósito da nossa existência, o que nos leva a questionar sobre o sentido da vida: devemos viver ou não?

Percebemos que há formas de escapar do absurdo e viver. Enxergamos o suicídio como uma maneira precisa de suprir a condição absurda. No entanto, o filósofo renuncia a essa rota, pois buscar maneiras de afastar-se de nossa condição nos leva a cair na mesma problemática, já que o vazio existencial é apenas temporariamente maquiado, mas, ao longo do processo de amadurecimento, percebemos sua presença e não compreendemos a resposta, acabando por retornar à pergunta inicial: a vida vale a pena? Portanto, o pensador descarta, de imediato, a supressão da vida.

O suicídio filosófico, em que depositamos toda a nossa fé no transcendente, buscando escapar da nossa existência absurda como seres humanos, e o suicídio político, em que colocamos nossa vida no futuro, afastando o pensamento da realidade em que vivemos e encontrando na esperança de um futuro distante um caminho para seguir, distante do presente real.

Frente a toda essa jornada, qual é a melhor maneira de viver? O absurdo retrata a natureza da existência humana. Mas como podemos então afirmar a vida em

vez de buscar o suicídio como uma fuga? Camus nos apresenta que há um caminho para encontrar significado na vida no Mito de Sísifo, proporcionando uma nova perspectiva sobre a vida condenada de um homem destinado a carregar seu castigo por toda a eternidade.

Nesta sessão, vamos explorar o mito de Sísifo e a visão da existência humana diante do absurdo. Iremos acompanhar a trajetória de um personagem cuja vida é passada diante de uma montanha, empurrando uma rocha para cima. Isso ilustra a condição da vida humana, com suas angústias e dificuldades presentes em nós. Será abordado Sísifo como essência da condição humana.

4.1 O MITO DE SÍSIFO E A CONDIÇÃO ABSURDA DO SER HUMANO

O mito de Sísifo nos abre uma nova expectativa a respeito do absurdo, um olhar diferente, não metafísico, em plano inteligível, mas voltado a realidade humana, onde o absurdo convive com a condição humana! Mas, afinal, quem é Sísifo? Qual a sua história? Na mitologia grega, Sísifo foi um monarca da cidade de Corínto, perdidamente apaixonado pela existência e o ser humano mais perspicaz entre os mortais. Contudo, devido a suas artimanhas e mistificações perante os deuses, recebeu uma sentença terrível: ele deveria incessantemente empurrar um colossal bloco rumo ao topo da montanha, apenas para vê-lo despencar vertiginosamente assim que alcançasse o cume. E assim, cotidianamente, ele se via obrigado a retomar seu labor, por toda a eternidade: “Os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança” (CAMUS, 2004 p.137).

Diante dessa narração mítica, somos como Sísifo? O absurdo é a imagem da condição humana, como já refletimos, então o que fazer para afirmar a vida? Essas são as problemáticas que abordaremos nesta seção.

Na obra de Camus, a figura do mito assume uma importância significativa. Sísifo e sua história servem como a perfeita ilustração simbólica da condição absurda do ser humano diante de um mundo sem sentido. É possível perceber que o mito desempenhava um papel educativo, procurando explicar a realidade humana através de uma simbologia também clínica. O simbolismo e sua dimensão em Camus são

abordados de tal forma que a simbologia demonstra ultrapassar aquele que a utiliza e provoca uma reflexão mais profunda sobre a realidade, além do que podemos expressar (CAMUS, 2004).

Camus entusiasticamente nos apresenta o mito: "Os mitos são feitos para que a imaginação os anime" (CAMUS, 2004, p. 138). O mito de Sísifo é o reflexo espelhado da condição humana, condenados a carregar pedras, reconhecendo o peso de nossa existência e a consciência do absurdo. O personagem Sísifo possui plena consciência de sua realidade, sabe que seu destino é tal, pois para Camus, é a mais pura verdade do absurdo, conhecer sua condição e vivê-la.:

Sísifo é o herói absurdo. Tanto por causa de suas paixões como por seu tormento. Seu desprezo pelos deuses, seu ódio à morte e sua paixão pela vida lhe valeram esse suplício indizível no qual todo ser se empenha em não terminar coisa alguma. É o preço que se paga pelas paixões dessa terra (CAMUS, 2019, p.138).

Camus retrata Sísifo como o homem absurdo, que despreza a ilusão do mundo, não se rende aos deuses e não deposita expectativas neles, mas também não se rebela contra a vida, colocando um fim nela! Entretanto, ao se conscientizar de sua condenação, como uma maneira de desafiar os deuses, ele escolhe continuar, viva intensamente.

Mas por que essa punição nos parece tão trágica? Simplesmente devido à consciência de realizar um trabalho em vão, sem significado algum, ao observar que o personagem do mito trabalha todos os dias e retorna novamente, sem nenhum propósito. É por isso que Camus sugere que é durante a descida da montanha que Sísifo se interessa mais, é nesse momento que ele toma consciência do absurdo. Surge, então, o paralelo entre Sísifo e a condição humana. Subimos a montanha de segunda a sexta-feira para descermos nos fins de semana, subimos a montanha durante toda a vida para que tudo termine.

A escolha de Sísifo por Camus demonstra a força que o personagem revela, sua revolta consciente, porém, reconhecendo sua condição e, a partir de sua condenação, autenticidade em sua vida, encerrando o absurdo sem saltos, sem apelos e nostalgias. Seu esgotamento revela sua nobre grandiosidade em querer continuar diante dessa condição absurda (CAMUS, 2021).

Essa abordagem de aceitar a consciência absurda é o que Camus nos convida a refletir diante da imagem do personagem. Sísifo é a representação de nossa vida e existência, vivemos, estudamos, trabalhamos e morremos! Tudo se acaba, tudo passa, é tão desafiador viver e construir, mas tudo chegará ao fim, isso quer dizer que todas as pedras que estamos carregando para o topo da montanha inevitavelmente cairão, simbolizando nossa finitude diante da morte, nosso mundo terá um fim, mesmo que isso demore anos! O personagem abraça sua condenação, ele tem consciência, sabe que sua missão não tem valor para os outros, é sem resultados exatos. Sísifo não estava preocupado com o que a sociedade pensaria dele, mas sim em demonstrar força diante dessa condenação.

Sísifo não implora aos deuses por uma pena menor, mas desdenha, não se coloca em posição de suplicar, mas enfrenta a condenação, reconhecendo que eles não têm valor em seu mundo, pois sabe que isso não existe. O condenado não cria um mundo novo separado de tudo, mas ele observa o mundo em que vive e se abre a novas experiências (CAMUS, 2021).

A racionalidade de Sísifo e sua condição o levam a entrar no campo da possibilidade de ser feliz, mesmo diante de todo esse castigo, pois ele reconhece sua humanidade e sabe das dificuldades da vida. Podemos observar que diante de tudo o que foi dito até agora sobre Sísifo, podemos nos perguntar como uma figura de uma pessoa condenada pode afirmar a vida? Será que somos capazes de afirmar a vida diante dessa condição? Diante do sofrimento de Sísifo e de sua luta constante para chegar ao topo da montanha? Sim, pois é necessário, além de observar sua persistência, imaginar ele de uma perspectiva feliz! Acreditar no feliz ato de Sísifo seria o que Camus descrevia como uma forma de Rebeldia. Essa rebeldia é o sentimento de indignação diante de uma condição absurda, não uma revolta contra a vida absurda, mas uma resistência em não se entregar ao oceano de tristeza, mas sim encarar a realidade, sorrir diante do absurdo e afirmar a continuidade. Por exemplo, o vaidoso é uma pessoa maligna cuja arma é a habilidade de sorrir apesar das adversidades e injustiças que ocorrem na vida, ele ri da tristeza, da dor que sente, reafirmando que essa dor não me vencerá, essas injustiças que acontecem comigo não abalarão minha vontade de continuar habitando e caminhando. (CAMUS, 2021). Por que motivo Sísifo está sorrindo? Por que realmente não há razão para tal ato? Pois desafiar a vida implica refazer do zero tudo o que você construiu. Diante de

todas as bases da angústia, sorrir sem ter um propósito para sorrir, além da revolta pessoal diante do sofrimento e das condições de vida? Não há motivos para sorrir, mas Camus nos mostra que não devemos deixar a angústia vencer. Compreenderemos melhor a questão de Sísifo e a busca pela felicidade no próximo tópico.

4.2 SÍSIFO E A PERCEPÇÃO DA VIDA PELO ABSURDO

Sísifo está ciente de sua vida, o personagem está ciente de sua tragédia. Ele encara seu destino absurdo, está focado em seu trabalho de erguer as pedras, o que é suficiente para mantê-lo vivo. Mas qual é a solução para essas contradições, esse paradoxo de nossa existência e afirmação de nossa condição absurda? A solução é simplesmente viver, enfrentar nossa liberdade de escolha como seres finitos, não ter medo do absurdo e não evitar nosso destino, mas aceitar, ser como Sísifo! Através deste mito, percebemos que a vida se revela como esforço, trabalho, conquista, ação ou autorrealização. No entanto, nos desviamos dessa compreensão. Esquecemos da necessidade deste esforço, deste lado penoso, para aninhar-se no conforto, na comodidade da inércia, do letárgico, ou seja, o domínio do público e do cotidiano (FOGEL, 2009, p. 22). A tendência de nos desviarmos de nós mesmos impõe que a vida:

vida seja, insistentemente, volta, retorno, esforço de reconquista, empenho de retomada do próprio, de um solo ou fundamento arcaico-originário, e não infinito progresso, ilimitado avanço. Vida é, em voltando, retornando para se retomar e se reconquistar desde si mesma, insistente movimento de se fazer a si própria desde si mesma. É assim que o real se faz, se autofaz, como o autofazer-se de vida (FOGEL, 2009, p. 23, grifos nosso).

O pensador do absurdo faz com que percebamos que, não importa quão absurdas sejam as tarefas humanas, Sísifo sempre recomeça e mantém sua consciência, vivendo intensamente. Temos apenas uma vida e devemos aproveitar todo o seu potencial.

Assim como o filósofo nos leva a refletir, não é enquanto empurramos a pedra que contemplamos o suicídio, mas sim quando paramos para refletir sobre o que nos motiva a continuar. Não importa qual seja nosso trabalho, se o gostamos ou não. Em

algum momento, ao descer a montanha, todos podemos nos questionar sobre o sentido de prosseguir, o que pode parecer desesperador. No entanto, Sísifo nos mostra a concretude plena da vida em sua realização.

Ao alcançar o pico da montanha, Sísifo vislumbrou o horizonte e o sol já distante, prestes a desaparecer. Ele notou a pedra no topo, que já não representava mais um desafio, pois na descida da montanha, a força da gravidade e o vento que soprava colaboravam para uma descida fluida. Esse desafio de subir e descer com a rocha já não era mais estranho, mas familiar, refletia Camus:

Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla o seu tormento. No universo que repentinamente recuperou o silêncio, erguem-se milhares de vozes maravilhadas da terra (CAMUS, 2021 p.140).

Na perspectiva do pensador, é através da própria consciência que surgem os questionamentos sobre essa condição, e ao nos depararmos com o fim da ilusória docilidade da vida, encontramos uma maneira de superar as dificuldades que ela nos impõe. Se a vida é ou parece absurda, temos a liberdade de criar nosso próprio significado, não para descobrir um sentido no universo, mas sim para construir nosso próprio e singular significado, reafirmando assim a importância da vida humana (CAMUS, 2021).

Camus destaca que a afirmação da vida em sua imanência é uma parte significativa de sua obra *O Mito de Sísifo*, representando um processo gradual de aceitação, em que buscamos compreender que somos seres finitos, que a vida tem um fim e que vivemos, crescemos e, por fim, morremos. O mundo material, que limita nossa existência, impede que nos consideremos seres eternos e ideais, nos fazendo reconhecer nossa condição absurda, vivenciando a miséria humana.

A vida é afirmada quando nos deparamos com a condição absurda de sermos seres mortais, de tudo passar, mas ao mesmo tempo termos razões para seguir em frente, afastando-nos de ilusões utópicas e enfrentando o absurdo. Assim, vivemos segundo a reflexão proposta pelo autor, buscando seguir o exemplo de Sísifo, não nos fixando na condenação absurda, mas assumindo, a partir dessa condição, uma perspectiva de tentativa e vivacidade.

O pensador começa o Mito de Sísifo com a seguinte frase de **Píndaro** (522 a.C. – 443 a.C.): “Oh, minh’alma, não aspira à vida imortal, mas esgota o campo do possível” (CAMUS, 2021 p.13). Explorar os limites do viável é vivenciar de forma intensa, não se colocando em oposição ao processo da condição absurda, mas sim aceitando e, por fim, rebelando-se contra a tristeza que sentimos ao nos deparar com essa realidade do absurdo.

Refletir sobre a felicidade de Sísifo não é um gesto suicida na esfera filosófica. O suicídio filosófico, se aplicado à história de Sísifo, seria equivalente a ele acreditar que, um dia, tal punição terá fim, que os deuses que o castigaram sentirão compaixão e cessarão com a tortura para consolá-lo, permitindo-lhe cumprir essa tarefa diariamente. No entanto, isso não ocorrerá, o que se assemelha e conecta com o salto de fé mencionado no livro, explicando assim a aversão de Camus à fé.

Afasta-se do pensamento suicida filosófico, pois não ignora a falta de significado em sua existência. A ideia é alcançar uma consciência tão profunda da nossa própria existência que nos seja possível olhar para o absurdo sem perder o controle de nós mesmos. Reconhecemos a falta de sentido, mas não permitimos que isso determine nossos pensamentos ou emoções. Assim, num ato de revolta contra um contexto existencial absurdo e terrível, Sísifo sorri, retomando o controle.

Sísifo não pode recuperar a liberdade de seu corpo, mas pode recuperar a liberdade de sua mente, algo que nenhum deus ou punição pode aprisionar. Você pode se apropriar de sua própria vida, mesmo que não haja futuro.

Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla o seu tormento. No universo que repentinamente recuperou o silêncio, erguem-se milhares de vozes maravilhadas da terra.” (CAMUS, 2021, p.140).

Quando Sísifo entende a falta de propósito em sua tarefa e a executa com alegria, ele se revolta diante da falta de sentido e da repetição de seu castigo, buscando aliviar o sofrimento. É importante ressaltar que a afirmação “É preciso imaginar Sísifo feliz” é puramente simbólica e só faz sentido quando estabelecemos essa relação entre o castigo de Sísifo e a falta de propósito/sensação de absurdo que a existência nos proporciona.

Fazendo uma comparação mais concreta, seria como viver a vida plenamente, sem recorrer a filosofias suicidas, como acreditar que estamos em uma simulação ou até mesmo o suicídio social. Aqui prefiro não abordar a questão dos transtornos mentais, pois isso torna o assunto ainda mais complexo, e a psiquiatria/psicologia ainda estava em seus estágios iniciais quando o mito de Sísifo foi criado.

Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a felicidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Este universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite, forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz (CAMUS, 2019, p.141).

Refletir sobre Sísifo feliz transcende a mera contemplação do mito; implica mergulhar nas nuances do cotidiano e reinterpretar o significado próprio das ações diárias. É encontrar a satisfação não apenas no destino, mas na própria jornada, como apreciar a paisagem durante a rotina no transporte público. Contemplar a satisfação de Sísifo é decifrar o propósito oculto nas tarefas cotidianas, mesmo aquelas distantes do trabalho dos sonhos, buscando a beleza na execução e não apenas no resultado.

Observar o personagem mítico feliz é participar de festividades, absorvendo a música e conectando-se com as pessoas ao seu redor, optando por experiências históricas em vez de recorrer às drogas para aliviar angústias e frustrações. É ir ao cinema, não apenas para apreciar um filme excepcional, mas para valorizar a oportunidade de vivenciar a experiência, prazeres de pipoca e refrigerante, e encontrar gratidão nas pequenas alegrias.

A reflexão sobre Sísifo feliz vai além de simplesmente aceitar o absurdo da existência; é acreditar que uma vida, apesar de sua natureza intrinsecamente absurda, pode ser bela e repleta de experiências maravilhosas. Essa perspectiva desafia a resignação diante do absurdo e incentiva a busca ativa por significado, mesmo em meio às incertezas.

Reconstruir, é conferir novos significados à vida. Significa compreender que a existência é um constante ressurgir no pico da montanha, uma oportunidade contínua de renovar e redescobrir o sentido. Sísifo nos convoca a enxergar a vida e sua condição absurda como uma arena de possibilidades, não como um fim em si mesmo.

Ao observarmos Sísifo como uma figura humana, percebemos que, diante das adversidades, dificuldades e tragédias, ele é convocado a afirmar a vida. Essa afirmação não nega o absurdo inerente, mas o confronto, desafiando-o com uma atitude resiliente e calorosa. Sísifo contente é aquele que escolhe não apenas rolar a pedra montanha acima, mas também encontrar alegria na sua jornada, acompanhando a beleza na persistência diante do absurdo que permeia a essência da existência humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia do absurdo de Albert Camus, expressa de forma emblemática em seu ensaio *O Mito de Sísifo*, oferecendo uma compreensão profunda e existencial sobre a natureza da vida humana e sua relação com o absurdo. O absurdo, para Camus, é a tensão entre a busca de significado e a aparente falta de sentido no universo. No entanto, a consideração final sobre o absurdo não é a do desespero ou do suicídio, mas da afirmação da vida.

Neste trabalho, partimos do despertar da condição absurda, de acordo com o pensador, não significando uma resignação passiva ou desesperada de dar sentido a vida, mas sim considera a falta de sentido intrínseco na vida e, ainda assim, escolher viver plenamente. O argumento que é possível encontrar alegria e significado na aceitação do absurdo. Isso envolve a recusa em ceder à indiferença do universo e a determinação em criar nosso próprio significado e valores, mesmo que sejam subjetivos.

No ensaio do *Mito de Sísifo*, Camus descreve Sísifo como um personagem que está condenado a rolar uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta para baixo, repetindo esse processo infinitamente. Sísifo está ciente de que sua tarefa é absurda, sem sentido e sem esperança de realização. No entanto, é precisamente nessa consciência do absurdo que Camus encontra espaço para a revolta e a afirmação da vida.

A afirmação da vida, para Camus, não está em buscar significados transcendentais ou em se entregar aos deuses ou utopias que prometem respostas definitivas para o absurdo da existência. Em vez disso, você está em aceitar a condição humana como ela é, enfrentar o absurdo de frente e continuar persistindo na criação de significado e valor em nossa própria existência. Sísifo, ao escolher

continuar a rolar a pedra, mesmo sabendo da futilidade de sua tarefa, representa a revolta contra o absurdo.

Nesse sentido, somos convidados a encontrar alegria na própria luta, na ação e na busca contínua por significado, mesmo que esse significado seja efêmero e subjetivo. A afirmação da vida não é uma negação do absurdo, mas sim uma acessibilidade amigável de sua presença constante.

Ao considerar o absurdo e ainda assim persistir, estamos vivendo de forma autêntica e engajada, criando nosso próprio significado em um mundo aparentemente indiferente. Essa é a resposta de Camus ao absurdo: viver intensamente, com dignidade, em face da falta de sentido objetivo, e encontrar a própria felicidade na própria condição humana.

Em resumo, a consideração final do pensamento de Camus sobre o absurdo é um convite à afirmação da vida, através da aceitação, da ação e da criação de significado individual. É um chamado para viver de forma autêntica, aceitando o absurdo como parte inerente da condição humana e enfrentamento com coragem e determinação.

REFERÊNCIAS

ABSURDO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Martins Fontes, 2000. 06 p.

ABSURDO. In: COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário Filosófico**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2003. 58 p.

CAMUS, Albert. **O Mito do Sísifo**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2019.

_____. Albert. **O Mito do Sísifo**. 24ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2021.

_____. Albert. **O Homem Revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 9ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2011.

BISPO, Milena Fontes De Menezes; SÁVIO ROSA, Roberto. O MITO DE SÍSIFO: A DECISÃO DE VIVER OU SUPRIMIR A VIDA. **Filosofando**, v. 1, n 2, 2017.

Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2134>>.

Acesso em: 08 ago. de 2023.

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia? – Filosofia como exercício de finitude**.

Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

HENGELBROCK, Jurgen. **Albert Camus: sentimento espontâneo e a crise do pensar**. Trad. Maria Luisa Guerra e Ivone Kaku. São Leopoldo, Nova Harmonia, 2006.

LAURO, Rafael. CAMUS – A PRESENÇA. **Razão inadequada**, 2020. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2020/05/24/camus-a-presenca/>>. Acesso em: 27 set 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Do mundo como vontade e representação**. São Paulo, Unesp, 2005.

LUPPÉ, Robert. **Albert Camus**. Paris, Temps Présent, 1951.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. O absurdo camusiano em “O Mito De Sísifo”. **Jangada**, Minas Gerais, v. 6, n. 2, p 52–67, 2018. Disponível em: <<https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/159>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

TOTI, Carolina Natale. A condição humana em O mito de Sísifo, de Albert Camus. **Educação Pública**, 2011. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/11/40/a-condiccedilatildeo-humana-em-o-mito-de-siacutesifo-de-albert-camus>> . Acesso em: 25 set. 2023.